

Complexidade em Tempos Incertos

Izabel Petraglia¹

*Vi todas as coisas e maravilhei-me de tudo,
Mas tudo ou sobrou ou foi pouco, não sei qual, e eu sofri.
Eu vivi todas as emoções, todos os pensamentos, todos os gestos.
E fiquei tão triste como se tivesse querido vivê-los e não conseguisse.
Álvaro de Campos*

Este ensaio tem por objetivo refletir sobre a importância do pensamento complexo em tempos de incerteza, tal como ressalta a epígrafe de Álvaro de Campos. Esse tipo de pensamento, embasado na teoria da complexidade, tem na religação dos saberes o estabelecimento de uma prática educacional ética e comprometido com a cidadania planetária.

Fazemos aqui, uma leitura multidimensional da complexidade, em que os aspectos complementares, são também indissociáveis. Num primeiro momento apresentamos brevemente Edgar Morin, epistemólogo, sociólogo e filósofo; em seguida introduzimos a teoria da complexidade, com destaques para o sujeito e para a prática educacional, em sua realidade complexa. Discutimos também o papel da escola no desenvolvimento de uma nova política de civilização que, pressupõe o respeito à condição humana e a aprendizagem da auto-ética.

Então, as considerações iniciais, como também as últimas reflexões que, tem lugar nesse texto, se propõem a compreender o pensamento complexo e o papel do sujeito no universo sócio político e cultural de seu tempo, cuja a prática objetiva, subjetiva e ética se dá por meio das interconexões fraternas; um abraço de complexidade.

Edgar Morin: Um intelectual transdisciplinar

Edgar Morin é um pensador contemporâneo transdisciplinar. Intitula-se “um contrabandista dos saberes” por transgredir, perpassando as diversas áreas e por estabelecer diálogo entre as ciências e as humanidades. Tece, como numa tapeçaria de vários fios, as relações entre os múltiplos tipos de pensamentos. É diretor emérito de pesquisa do Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS); fundador do Centro

¹ Pós-doutora pela EHESS, em Paris, Doutora em Educação pela USP e Mestre em Educação pela PUC/SP. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho e Coordenadora do NIIC – Núcleo Interinstitucional de Investigação da Complexidade. Contato: izabelpetraglia@terra.com.br

Edgar Morin, antigo Centro de Estudos Transdisciplinares, Sociologia, Antropologia e História (CETSAH), da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (EHESS), de Paris e presidente da Associação pelo Pensamento Complexo (APC). Escreveu mais de meia centena de livros e artigos, traduzidos para diversos idiomas.

Morin é autor da epistemologia da Complexidade - termo oriundo da Cibernética – que se contrapõe ao pensamento reducionista e disjuntivo. Complexo é o pensamento que une, integra e, promove a solidariedade e a religação dos saberes.

Nasceu na França, em 08 de julho de 1921, verão parisiense e, tem origem judaica. De origem sefardita – judeus expulsos da Espanha no final do século XV – Morin é único filho de Vidal Nahum e Luna Beressi. Ao apresentar-se, em *Meus Demônios*, conta de sua aprendizagem da vida e de suas experiências amorosas com o conhecimento e consigo, mesmo. Diz ter aprendido da família “... o Mediterrâneo, o gosto pelo azeite, pela berinjela, pelo arroz com feijão-branco, pelas almôndegas de cordeiro aromatizadas, pelos salmonetes, pelos folhados de queijo ou de espinafre”. (1997, p. 13-16). Da escola, aprendeu a França: tornou-se filho da pátria e absorveu sua história. E o que aprendera por si mesmo? O resto...

Antes de completar dez anos de idade, com a morte da mãe, começa a entender o significado da contradição vida e morte, alegria e tristeza, esperança e desesperança. Essa dialógica viria a ser uma constante fonte de reflexão e, responsável pela constituição de uma das bases antropológicas da teoria da complexidade, que elabora.

Marxista de formação, Morin foi militante ativo do Partido Comunista, do qual se afastou, em 1951, por discordar do dogmatismo stalinista. Em diversas passagens, acena sobre a importância da afetividade, onde encontra energia para a realização de sua obra: “*Não sou daqueles que têm uma carreira, mas dos que têm uma vida (...). Passei ao largo dos amores, ainda que não tenha podido viver sem amor: diria até que, sem alta combustão amorosa, eu não teria jamais tido coragem de escrever La Méthode*”. (1997, p. 9)

Aos oitenta e sete anos, Morin é um intelectual produtivo, criativo e construtor do universo sócio, político e cultural de seu tempo, dedicando-lhe “*amor, poesia e sabedoria*” – título de um de seus livros. É um pensador incansável, como uma abelha fazendo o mel. Ele afirma: “*(...) eu era movido por aquilo que o tao chama de espírito do vale, ‘que recebe todas as águas que afluem a ele’. Mas não me vejo como um vale majestoso; vejo-me, antes, como uma abelha que se inebriou de tanto colher o mel de mil flores, para fazer dos diversos polens um único mel*”. (MORIN, 1997, p.41)

Homo complexus

A contemporaneidade nos impõe a reflexão sobre a necessidade de adotarmos diferentes posturas e comportamentos diante do novo. Os pensamentos influenciam as práticas e, vice e versa. Mudanças céleres em todo o Planeta, nas diversas áreas do saber, indicam que nos transformamos, à medida que aprendemos, contínua e permanentemente.

Já compreendemos que é necessário o estabelecimento de novas alternativas, critérios e procedimentos éticos diversificados, para sobrevivermos à barbárie. É preciso resistir e manter viva a esperança de transformação, num mundo cada vez mais incerto, excludente e violento. Aprendemos com Morin que “*A resistência é o outro lado da esperança*”. (1997, p. 62).

Na epistemologia da complexidade, a parte está no todo assim como o todo está na parte. Cada parte, por um lado, conserva suas qualidades próprias e individuais, mas, por outro, contém a totalidade do real. Do mesmo modo, a complexidade indica que, os fenômenos estão em relação, de maneira interdependente, mas nada está isolado no Cosmos, como numa rede relacional. De acordo com o termo latino: “*Complexus – o que é tecido junto*” (1997, p. 44).

A complexidade incorpora não só aspectos e categorias da ciência, da filosofia e das artes, como também os diversos tipos de pensamento, sejam eles míticos, mágicos, empíricos, racionais, lógicos, numa rede relacional que faz emergir o sujeito no diálogo constante com o objeto do conhecimento. Considera a comunicação entre as diversas áreas do saber e compreende ordem, desordem e organização como fases importantes e necessárias de um processo. Trata-se de uma auto-eco-organização de todos os sistemas vivos que, ao se organizarem, influenciam e são influenciados pelo meio ambiente, que inclui a si mesmo, o outro e a natureza complexa.

Outras duas idéias surgem nesse contexto de reflexão sobre a complexidade da condição humana. A primeira aponta para o ser humano não ser somente biológico ou cultural, mas ser, ao mesmo tempo, 100% biológico e 100% cultura. Sua natureza é também multidimensional; ele é trinitário, porque pertence à espécie do *homo sapiens*, é membro de uma sociedade e é um indivíduo.

A segunda idéia é a diferenciação das concepções de indivíduo e de sujeito. Relaciona-se ao alerta de Morin, quando afirma: “(...) *há algo mais do que a singularidade ou que a diferença de indivíduo para indivíduo, é o facto que cada indivíduo é um sujeito*”. (1991, p. 78)

Somos indivíduos porque temos características individuais, únicas, que nos singularizam e nos distinguem de outros indivíduos. Mas, somos também sujeitos, quando colocamos essas características, que são objetivas, em comunicação com nossa subjetividade, a favor de um projeto, de uma causa.

O ser humano traz em si um conjunto de características antagônicas e bipolares. Ao mesmo tempo em que é sábio, é louco; é prosaico e é poético; é trabalhador e lúdico; é simultaneamente empírico e imaginário. É unidade e diversidade; é multiplicidade, pluralidade e indissociabilidade; é corpo, idéias e afetividade. É *homo complexus*.

Pensem no humano que, complexo, é *sapiens* e *demens* em relação consigo, com o outro e com o universo. A partir da ampliação de sua consciência de mundo e da reelaboração do pensamento, uma relação de alteridade se faz presente na escola e na sociedade por meio de seu fazer. Essa prática se efetiva na e pela reflexão, num movimento recursivo de ação, reflexão e ação, num ir e vir, constantes e ininterruptos.

O *homo complexus* é responsável pelo processo de auto-eco-organização que se constrói na partilha e na solidariedade dos diversos tipos de pensamentos. O pensamento que integra e associa, também liberta porque é criativo, artístico, político e ético. No pensamento complexo, as contradições têm espaço de acolhimento sem preconceito ou exclusão. São opostos, diferentes e complementares que, se ligam numa teia multirreferencial que, inclui a objetividade e a subjetividade inerentes à condição humana, colocando-as no patamar de possibilidades constantes.

Ainda que o indivíduo apresente semelhanças étnicas e culturais, ele tem também características químicas, sociais e do ecossistema peculiares. É um ser ímpar. Ao construir sua identidade, que pressupõe liberdade e autonomia, o homem e a

mulher tornam-se sujeitos, a partir das dependências que alimentam como, por exemplo, as da família, da escola, dos amores, da linguagem, da cultura e da sociedade.

A religação dos saberes e a escola: Respeito à condição humana

A perplexidade, o estranhamento e a sensação de impotência – que é repetitiva – diante de situações de barbárie, desde o passado, nos tem imobilizado e impedido, muitas vezes de oferecer soluções novas e criativas. Ficamos reféns de nós mesmos e estagnados, diante das incertezas e de perspectivas de superação de aparências e ilusões. Alimentamos o sonho, mas, nem sempre, atuamos na realidade, de um modo suficientemente capaz de nos humanizar. É preciso unir sonho e realização, sabedoria e loucura, prosa e poesia, prática e teoria, emoção e razão numa teia de relações complexas.

Precisamos cuidar das idéias que possuímos, como já nos ensinar Morin, pois elas também nos possuem e influenciam as nossas ações: “[...] *As idéias tomaram forma, consistência e realidade com base nos símbolos e nos pensamentos de nossa inteligência. Mitos e Idéias voltaram-se sobre nós, invadiram-nos, deram-nos emoção, amor, raiva, êxtase, fúria. [...]*” (2000: p. 29)

Se a escola lida com idéias, cabe aqui a reflexão de sua função social, cultural e política, em sintonia com a educação formal que desenvolve. A educação escolar não serve só para capacitar o sujeito para o mercado profissional, oferecendo a ele um diploma, mas, sobretudo, cabe-lhe a tarefa de estimular a descoberta dos sonhos e formas de realizá-los. A escola não pode desconsiderar que o *homo sapiens* é também *ludens, faber e demens*. O *homo complexus* precisa brincar, aprimorar sua capacidade de criação, crítica, auto-crítica e sua sensibilidade, para desenvolver uma auto-ética que contemple a construção de uma civilização planetária mais justa e fraterna.

Incentivar o direito à cidadania e os deveres de cidadão é função de toda organização de aprendizagem e de todas as linguagens educacionais, quer sejam artísticas, míticas, racionais ou empíricas. Esse é papel de uma educação complexa, ética e solidária, que leva em consideração a urgência de uma reforma de pensamento para a religação dos saberes e para a religação da cultura científica à cultura humanística.

É nessa mentalidade que se deve investir, no propósito de favorecer a inteligência geral, a aptidão para problematizar, a realização da ligação dos conhecimentos. A esse novo espírito científico será preciso acrescentar a renovação do espírito da cultura das humanidades. Não esqueçamos que a cultura das humanidades favorece a aptidão para a abertura a todos os grandes problemas, para meditar sobre o saber e para integrá-lo à própria vida, de modo a melhor explicar, correlativamente, a própria conduta e o conhecimento de si. (Morin, 2000^a: p. 32-33)

A escola deve incentivar a necessária ligação das culturas e dos saberes. Essa integração está indiscutivelmente associada à subjetividade humana, com sua afetividade intrínseca. A escola tem que ser um lugar de alegria e de prazer, onde se constrói conhecimentos. O conhecimento é responsável pela libertação e pela

emancipação humana, por isso tem que estar imbricado com a beleza, com a alegria e também com o ócio, que é criativo.

O primeiro a manifestar-se a favor do ócio e, na oportunidade, como um direito dos operários da fábrica, entendendo –o como a única forma de equilíbrio existencial foi o então, estudante de medicina, artista e político revolucionário cubano, membro ativo da Internacional Socialista na França e Espanha, Paul Lafargue, em 1880. Em seu artigo “*O Direito ao Ócio*”, publicado no jornal *L'Égalité*, ele já identificava, na tecnologia, o instrumento de salvação do trabalhador, capaz de livrá-lo da fadiga, e atribuía ao ócio o poder de acabar com as angústias humanas. (De Masi, 2001, p. 33-40)

Pouco mais de meio século depois, em 1935, o filósofo, matemático e escritor, Bertrand Russell, publicou *O Elogio ao Ócio*, em que afirmava que o ócio é “*um produto da civilização e da educação*”, tendo em vista que o tempo vago e sem trabalho sempre fora desconsiderado e que os esforços dos processos educacionais sempre se voltaram para o trabalho. Nas palavras de De Masi: “*A ligação cada vez mais estreita entre escola e trabalho, entre universidade e empresa é invocada como um sinal imprescindível de modernização pedagógica*”. (De Masi, 2001, p. 38)

O sociólogo italiano, Domenico De Masi, autor de “*O ócio criativo*”, desenvolveu a tese sobre a importância de aprender a viver o ócio. Entende que o tempo livre pode converter-se em violência, em doenças e em preguiça, mas pode transformar-se também em criatividade, arte e liberdade. Para o autor, o ócio é responsável pelo desenvolvimento e gestação de boas idéias para o indivíduo ser mais feliz e bem sucedido.

Considera ainda que a escola e a universidade só preparam para o trabalho; no entanto, o tempo que o ser humano destina para este fim é muito menor do que gasta com as outras atividades da vida, incluindo o lazer, e é aí que devemos concentrar nossas potencialidades. Propõe, então, um modelo embasado na comunicação simultânea entre trabalho, estudo e lazer, em que as pessoas aprendem a privilegiar suas necessidades humanas, portanto, complexas, de beleza, de amar, brincar, conviver, refletir, conversar. (De Masi, 2000, passim)

Morin também se manifesta acerca do papel da Universidade, colocando-a como instituição ao mesmo tempo conservadora, regeneradora e geradora. É conservadora porque integra, memoriza e ritualiza saberes, idéias e valores culturais; regenera, pois rediscute e atualiza saberes e os transmite às novas gerações; é geradora porque cria, elabora e processa os novos saberes que serão herdados sucessivamente. (Morin, 1999, p. 9-19).

Ao refletir sobre o papel da escola, aponta ainda para uma necessidade histórica igualmente importante, que é o desenvolvimento de uma democracia cognitiva organizada a partir do ressurgimento do ser humano, da natureza, do cosmos e da própria realidade. É uma democracia cognitiva que compreende a ampliação do acesso aos saberes das múltiplas áreas, assim como compreende a diversidade e o pluralismo teórico e sem preconceitos, sem o determinismo da certeza que, na complexidade, é entendida como relativa, efêmera e ilusória. Afirma Morin: *A Universidade deve, ao mesmo tempo, adaptar-se às necessidades da sociedade contemporânea e realizar sua missão transecular de conservação, transmissão e enriquecimento de um patrimônio cultural, sem o qual não passaríamos de máquinas de produção e consumo.* (2000^a : p. 82)

Desse modo, entendemos que, é preciso uma reforma do pensamento, que seja capaz de promover a mudança de comportamento e a abertura para novas idéias. Essa reforma incorpora uma necessidade social fundamental: formar cidadãos aptos a enfrentarem os problemas de seu tempo.

Uma reforma do pensamento, em tempos incertos, pressupõe a consciência reflexiva para o exercício da auto-ética que vê no humano um ser relacional. Aceitar o outro e compreendê-lo de forma amorosa é condição ontológica da existência humana e implica mudança de atitude e perspectiva diante da vida.

Um abraço de complexidade

Então, os tempos presentes nos impõem mudanças e adaptações constantes nos diversos aspectos da vida. Exige de todos e de cada um, o enfrentamento do novo. Vivemos preocupados frente à acelerada transformação nos valores, práticas e utopias.

Enfrentamos a policrise, no que há de mais inédito e inusitado em seu conceito de transformação e em sua dimensão individual e coletiva, ou seja, ao mesmo tempo em que é traduzida nas identidades pessoais, que se constrói, gradativamente e, a cada dia, também é social, cultural, econômica e política. É fortemente perceptível no cotidiano globalizado do mundo, que anseia por uma nova perspectiva, ainda não detectada, mas, já desordenada e confusa.

Essa ausência de perspectiva civilizatória tem apontado para a desestruturação de povos e nações no que tange aos ideais mais profundos e significativos das culturas. É o sentimento do nada, da impotência e do descompromisso. Será a desesperança? Será a destruição? Será a reconstrução? Surgirá uma fênix ou o apocalipse?

A organização, compreendida aqui, como um caminho que pressupõem idas e vindas, subidas e descidas, atalhos e veredas, inclusões típicas do *homo sapiens-demens*, que ao se transformar, também o faz e é feito por e em seu meio, expressa a auto-eco-organização; processo inconcluso, pois há contradições insuperáveis, como o saber, jamais pronto e acabado. Trata-se da relação dialógica, que integra diferentes e contrários.

No atual contexto planetário, os valores estão pulverizados. A despeito disso, o ser humano constrói sua história e deixa marcas em seu tempo, como sujeito e autor de seus sonhos e de suas realizações. Questiona a evolução e a retrovisão do movimento das idéias que surgem e se renovam. Mas, além disso, cabe-lhe também, a participação na construção de uma política de civilização, comprometida com a prática de ações transformadoras para o meio ambiente.

Nessa visão complexa de mundo, há o movimento constante, como o da água, que estagnado, fenece. O mundo das idéias requer uma reforma. A mudança de pensamento que, historicamente, era linear e reducionista, já começa a caminhar em direção a um salto multidimensional. Trata-se de olhar para várias direções e reeducar o olhar para a complexidade da vida, levando-se em conta que não há uma resposta única para um problema.

Uma perspectiva complexa em educação estimula a transformação do indivíduo prosaico em sujeito planetário, que é sensível, ético, político, crítico e criativo. Esse novo sujeito, que se educou para a vida é uma pessoa que chora, que se alegra e que tem compaixão. É *homo sapiens-demens*, que sabe, que sabe que não

sabe, que sente e que aprende a aprender. É *homo sapiens-demens*, o demente, que manifesta seu limite de não ter limites e, de ser desmedido.

O sujeito complexo é único em sua singularidade para fazer, sonhar, criar, na dimensão do improvável, da incerteza, da estética e da ética de um pensamento mutante e transformador. Esse pensamento complexo supõe que, não há sabedoria total, tampouco plenitude e perfeição, pois não podemos nos livrar de nossa condição de *homo complexus*, que, simultaneamente é *sapiens* e *demens*.

Para isso, precisamos de uma nova ética, capaz de inspirar a compaixão que, com paixão e sabedoria nos remeta aos desígnios do tempo, com paradigmas aglutinadores e de religação, que não sejam reducionistas e fragmentados. Precisamos, pois, do cultivo de uma ética de responsabilidade, que inspire o sujeito a despir-se de seus preconceitos e convicções mais arraigadas, de modo a tornar-se responsável por si, pelo outro, por sua comunidade na inserção cósmico-planetária.

Precisamos também de uma ética de solidariedade que, nos permita ver o outro como semelhante, ainda que diferente em sua subjetividade, mas igual, na espécie humana. Só a compreensão é capaz de nos aproximar do outro, com aceitação e respeito, compartilhando de suas dores, prazeres, sofrimentos e alegrias.

Há ainda, outra ética de que precisamos e que, podemos desenvolver a partir do cultivo pessoal e do prazer por essa aprendizagem. É a ética da religação, que liga outra vez, o *homo sapiens* ao *demens*, ao *ludens* ao *faber*, construtor e participe da aventura humana. Essa religação cósmica pressupõe a união da prosa com a poesia, que habitam em todos nós. Somos carentes de uma ética, portanto, planetária que, une e não separa; que congrega e agrega o meio ambiente, na complexidade da vida.

Trata-se do que é tecido junto, do *complexus*, qual um abraço. Contextos que se entrelaçam. A interdependência e as inter-relações do todo e das partes. Partes que são tão importantes quanto o todo, pois imprimem qualidades próprias, emergentes e influentes. Todo que se organiza, a partir da ordem e da desordem.

Se o sujeito é *sapiens* e *demens*, é da demência que surgem as contradições, as imprevisibilidades próprias do ser em constante transformação. Há de se considerar as polaridades que, são também complementares: a noite e o dia, a prosa e a poesia, a sabedoria e a loucura, a tristeza e a alegria. *Harmonia na desarmonia; A vida na morte e a morte na vida*, valendo-nos de Heráclito. Uma relação dialógica de opostos que, não exclui, mas integra na esfera noológica. As idéias estão no mundo e o mundo está nas mentes. É o circuito relacional: razão, afetividade, pulsão.

O ser humano é indivíduo e sujeito, ao mesmo tempo, produto e produtor da espécie humana. Participa da hominização, como cidadão terrestre, que é crísico, chora, ri, dança, canta, sonha, cria e não tem limite.

Vivemos no mundo da linguagem, da cultura e da morte. Criamos ritos, produzimos mitos e somos produzidos por eles. Vivemos o prazer e a dor da aventura entre o real e o imaginário, na simultaneidade do uno e do múltiplo. Distinguir para unir e não separar está na agenda do dia das instituições educacionais. Há de se conviver com incertezas, conflitos, imprevisibilidades, ruídos, diversidades.

Vivemos no tênue limite entre civilidade e barbárie. Ousamos a ultrapassagem do efêmero, a partir do ressignificado do tempo e do espaço que, na sincronicidade se transcende, a cada instante, pelo reencantamento, pelo sensível e pelo belo.

Assim, o amor, o diálogo e a compreensão; a relação com o meio ambiente, que inclui o sujeito consigo, com o outro, com a natureza e inserido na realidade

cósmica sugere a fraternidade de uma ética planetária, que envolve a todos e a cada um numa rede relacional, num abraço de complexidade.

Concluimos, ousando indagar, propor, refletir e poetizar com Camões:

*Busque Amor novas artes, novo engenho,
para matar-me, e novas esquivações;
que não pode tirar-me as esperanças,
que mal me tirará o que eu não tenho.
Olhai de que esperanças me mantenho!
Vede que perigosas seguranças!*

Bibliografia

MORIN, Edgar. Introdução ao Pensamento Complexo. Lisboa, Instituto Piaget, 1991.

_____. Meus Demônios. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997.

_____. Complexidade e Transdisciplinaridade: a reforma da universidade e do ensino fundamental. Natal, EDUFRN, 1999.

_____. Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro. São Paulo/Brasília, Cortez/UNESCO, 2000.

_____. A Cabeça Bem-Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000^a.

PENA-VEGA, A. ; ALMEIDA, C. e PETRAGLIA, I. (Orgs.). Edgar Morin: Ética, Cultura e Educação, 3^a ed, São Paulo, Cortez, 2008.

PETRAGLIA, Izabel. Edgar Morin: A Educação e a Complexidade do Ser e do Saber, 10^a. ed. [rev. e ampl.], Petrópolis, Vozes, 2008. _____. “Olhar sobre o olhar que olha”: Complexidade, Holística e Educação. Petrópolis, Vozes, 2001.

DE MASI, Domenico. O Ócio Criativo. Rio de Janeiro, Sextante, 2000.

_____. (Organização e Introdução). Bertrand Russell & Paul Lafargue. A Economia do Ócio. Rio de Janeiro, Sextante, 2001.